

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

OS RÓTICOS E A CONFIGURAÇÃO DIALETAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DE NASCENTES AO ALIB

Helen Cristina Da Silva, Vanderci De Andrade Aguilera

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14175>

Submetido em: 2025-11-17

Postado em: 2026-08-17 (versão 2)

(AAAA-MM-DD)

Justificativa da versão: Pós-correções

Tipo de Trabalho: Relato de Pesquisa

OS RÓTICOS E A CONFIGURAÇÃO DIALETAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DE NASCENTES AO ALiB

RHOTICS AND THE DIALECTAL CONFIGURATION OF BRAZILIAN PORTUGUESE: FROM NASCENTES TO THE ALiB

LOS RÓTICOS Y LA CONFIGURACIÓN DIALECTAL DEL PORTUGUÊS BRASILEÑO: DE NASCENTES AL ALiB

Sobre Autores:

Vanderci de Andrade Aguilera. Doutora em Letras. Universidade Estadual de Londrina/
Centro de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas.
Londrina/Paraná. vanderci@uel.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3052-3710>

Helen Cristina da Silva. Doutora em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do
Pampa/*Campus* Bagé. Curso de Letras e Literaturas de Língua Portuguesa. Bagé/Rio
Grande do Sul. helensilva@unipampa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0392-0315>

Tivemos, até cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás, um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. É de todos sabido que o nosso falar, caipira — bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível — dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência (Amaral, 2020 [1920], p. 27-28).

RESUMO: Os estudos dialetais no Brasil, mais especificamente os geolinguísticos, deram um salto qualiquantitativo nos últimos 25 anos, demonstrando com dados empíricos até que ponto ainda se sustenta a proposta de Nascentes acerca da divisão dialetal. Sabe-se que, basicamente, essa possibilidade de divisão foi vislumbrada tomando como suporte a realização das vogais médias pretônicas. Neste trabalho, a fim de revisitar essa divisão com dados mais recentes e com base em outro aspecto fonético, o /r/ em coda silábica, fizemos primeiramente um passeio por alguns estudos realizados em todas as regiões administrativas brasileiras e, na sequência, elegemos como *corpus* as cartas fonéticas do Atlas Linguístico do Brasil, que tratam dos róticos em coda interna e externa coletados nas capitais. Assim sendo, os objetivos deste artigo são (i) discutir, à luz da Dialectologia Pluridimensional, a proposta de Nascentes acerca da divisão dialetal do Português falado no Brasil e (ii) comparar essa divisão com os dados obtidos pelo ALiB no que tange às cartas fonéticas que tratam da distribuição areal dos róticos.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: Este artigo discute como as diferentes formas de pronunciar o /r/ ajudam a compreender a diversidade linguística do português falado no Brasil. O estudo retoma uma proposta de divisão do país em áreas dialetais, formulada na primeira metade do século XX, e verifica em que medida ela se sustenta diante de dados linguísticos mais recentes. Para isso, analisamos a pronúncia do /r/ em palavras como *borboleta*, *ferendo* e *perguntar*, considerando dados coletados nas capitais brasileiras pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O objetivo é verificar como as diferentes pronúncias desse som se distribuem pelo território e se os limites encontrados coincidem com as áreas dialetais tradicionalmente propostas. Os resultados mostram que a distribuição do /r/ permite identificar áreas linguísticas relativamente bem definidas, mas também revela continuidades e zonas de transição que ultrapassam os limites estabelecidos pela divisão tradicional. As diferentes formas de pronunciar esse som atestam que a diversidade do português brasileiro se organiza geograficamente de maneira mais complexa e dinâmica do que aquela representada pelas primeiras propostas de divisão dialetal do país.

Palavras-chave: ALiB. Divisão dialetal. Dados fonéticos. Róticos em coda interna e externa

ABSTRACT: Dialectal studies in Brazil, more specifically geolinguistic studies, have made significant qualitative and quantitative advances over the past 25 years, providing empirical evidence of the extent to which Nascentes' proposal for dialectal division still holds. It is known that this possibility of division was basically conceived on the basis of the realization of pretonic mid vowels. In this study, in order to revisit this division using more recent data and another phonetic feature, /r/ in syllable coda position, we first provide an overview of studies conducted in all administrative regions of Brazil and, subsequently, select as our *corpus* the phonetic maps of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) dealing with rhotics in word-internal and word-final codas, based on data collected in the capitals. Thus, the objectives of this article are (i) to discuss, in light of Pluridimensional Dialectology, Nascentes' proposal for the dialectal division of Portuguese spoken in Brazil and (ii) to compare this division with the data obtained by ALiB regarding the phonetic maps that address the areal distribution of rhotics.

Keywords: ALiB. Dialectal division. Phonetic data. Rhotics in internal and external coda positions.

RESUMEN: Los estudios dialectales en Brasil, más específicamente los geolingüísticos, han experimentado importantes avances cualitativos y cuantitativos en los últimos 25 años, aportando datos empíricos que permiten evaluar hasta qué punto sigue vigente la propuesta de Nascentes acerca de la división dialectal. Se sabe que, básicamente, esta posibilidad de división fue concebida tomando como base la realización de las vocales medias pretónicas. En este trabajo, con el propósito de revisar esta división a partir de datos más recientes y de otro aspecto fonético, el /r/ en coda silábica, presentamos, en primer lugar, un recorrido por algunos estudios realizados en todas las regiones

administrativas brasileiras y, a continuación, seleccionamos como *corpus* las cartas fonéticas del Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB) que tratan de los róticos en coda interna y externa, a partir de datos recogidos en las capitales. Así, los objetivos de este artículo son (i) discutir, a la luz de la Dialectología Pluridimensional, la propuesta de Nascentes acerca de la división dialectal del portugués hablado en Brasil y (ii) comparar esta división con los datos obtenidos por el ALiB en lo que respecta a las cartas fonéticas que representan la distribución areal de los róticos.

Palabras clave: ALiB. División dialectal. Datos fonéticos. Róticos en coda interna y externa.

Introdução

Este estudo, cuja metodologia se baseia na Geolinguística Pluridimensional (Thun, 1998), tem como objetivo comparar a distribuição diatópica dos róticos, apresentada em seis cartas fonéticas do vol. 2 do *Atlas linguístico do Brasil* - ALiB (Cardoso *et al.*, 2014, p. 100-109), com a proposta da divisão dialetal do Brasil de Nascentes (1953). As Cartas Fonéticas F04 do ALiB documentam a realização dos róticos em coda silábica interna e externa, em nomes e verbos, por meio dos dados coletados em 25 capitais brasileiras, na fala de 200 informantes estratificados quanto à idade, ao sexo e à escolaridade. Quanto à proposta de Nascentes (1953), os falares do Português Brasileiro (PB) distribuem-se por dois grandes dialetos ou falares: do Norte e do Sul, com as subdivisões daquele em *amazônico* e *nordestino* e deste em *baiano*, *fluminense*, *mineiro* e *sulista*. Na verdade, dados fonéticos e prosódicos subsidiaram tal proposta:

(...) de um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão: norte e sul; norte até a Baía e sul, daí para baixo. No sul ha vogais protônicas abertas antes do acento (salvo determinados casos de derivação) e a cadencia é diferente da do norte. É palpável a diferença entre a fala *cantada do nortista* e a fala *descansada do sulista* (Nascentes, 1953, p. 19-20).

Embora essa proposta tenha se baseado em um caso de variação fonética vocálica, há algum tempo, dezenas de geolinguistas vêm testando as possibilidades de definir áreas dialetais a partir de dados lexicais, como os de Aguilera (2009), Ribeiro (2012), Romano e Aguilera (2014, 2024), Aguilera e Romano (2023a, 2023b, 2023c), Martins (2023) e Serra (2024), para citar apenas alguns. Igualmente, dados fonéticos têm se prestado a esse propósito, como os trabalhos de Mota e Oliveira (2023), sobre a realização de /d/ e /t/ seguidos de /i/ fonético ou fonológico; Aguilera (2020) e Silva (2016), sobre os róticos em posição de coda silábica interna e externa.

É conveniente lembrar que, há mais de um século, Amaral (2020 [1920], p. 36), em *O dialeto caipira*, na seção destinada à Fonética, registrou que o “r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguopalatal e guturalizado”, acrescentando:

Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico. É muito provavelmente, o mesmo *r* brando dos autóctones. Estes não possuíam o *rr* forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema.

Em nota, Amaral (2020 [1920], p. 36), adverte que “É claro que não fazemos questão da denominação, que poderá ser substituída por outra qualquer; aqui só nos interessa o fato”. Na sequência, descrevendo as consoantes, o autor observa que o *r*:

Cai, quando final de palavra: *andá, muié, esquecê, subi, vapô, Artú*. Conserva-se entretanto, geralmente em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influido nisso a posição proclítica habitual: *dôr, cór, côr, par*. Conserva-se também no monossíl. átono *por*, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: *amor, suôr*. Nos verbos, ainda que monossílabos, cai sempre, provavelmente pela influência niveladora da analogia: *vê, í, pô*. (Amaral (2020 [1920], p. 41),

Entre os primeiros trabalhos dialetológicos voltados à descrição dos róticos em áreas específicas do português brasileiro, para citar apenas alguns, destacam-se Amaral (1920), ao tratar do interior paulista, descreveu o chamado “r caipira”; Nascentes (1953, p. 51), em referência ao Rio de Janeiro, observou que “R-final é pronunciado levemente pela classe culta. Os pedantes exageram. Na classe inculta cai”. Marroquim (1934, p. 30-31), ao analisar dados de Alagoas e Pernambuco, registrou a eliminação do /r/ em posição final entre falantes populares. Rodrigues (1974, p. 162-163), por sua vez, além de registrar a ocorrência da fricativa laríngea [h], descreveu a presença da variante líquida vibrante retroflexa (ou cacuminal), em posição intervocálica [kaɾˈneɾɔ], na região de Piracicaba, em São Paulo.

Há mais de cinco décadas, se considerarmos como pioneiro o artigo de Head (1973)¹, a realização dos róticos ou vibrantes, em dados empíricos coletados no Português

¹ Cabe mencionar que, anteriormente aos trabalhos de Head (1973, 1987), Istre (1971), em sua tese de doutorado *A Phonological Analysis of a Brazilian Portuguese Interior Dialect*, desenvolvida sob o viés da fonologia gerativa/transformacional, realizou uma descrição fonológica do dialeto caipira de São Luís do Paraitinga (SP), dedicando uma seção específica ao tratamento do /r/. Nesse estudo, o autor retoma a descrição proposta por Amaral (1920) e caracteriza essa realização como semelhante ao /r/ pós-vocálico do inglês americano.

falado no Brasil, vem despertando o interesse dos pesquisadores de uma forma crescente em discussões no formato de artigos, monografias, dissertações e teses. São dezenas (não seria exagero afirmar que chegam a uma centena) de trabalhos desenvolvidos sob enfoques teóricos os mais diversos: dialetológico, geolinguístico, sociolinguístico (incluindo os de percepções e atitudes), fonético-articulatório, acústico, sociofonético, etimológico, entre outros.

Esse elevado número de estudos sobre os róticos, segundo Hora e Monaretto (2003, p. 116), justifica-se pela sua elevada frequência de aparecimento e às múltiplas formas que podem assumir nos vários contextos intralinguísticos (coda interna e externa, posição de ataque, verbos e não verbos) e motivadas por fatores extralinguísticos, como diatópico, diassexual, diageracional, diafásico, diarreferencial, diamésico², entre outros.

Sob o viés da fonética articulatória e da sociolinguística, Head (1973, 1987) analisa a distribuição areal do [ɾ] a partir dos atlas linguísticos existentes na época e reavalia hipóteses sobre a origem do /r/ retroflexo, questionando interpretações que atribuíam o fenômeno exclusivamente ao contato linguístico, propondo uma explicação baseada em variáveis linguísticas. Reconhece, todavia, que

Uma vez que o “r retroflexo” é reconhecido como variante típica de algumas formas da língua portuguesa no Brasil, pelo menos em alguns trabalhos, haverá todo o interesse em determinar: (1) qual a sua extensão geográfica, e (2) qual a realização retroflexa e outros processos de alternância que caracterizam o português do Brasil, sobretudo nas mesmas regiões e nos mesmos domínios sociais onde se encontra a variante “retroflexa” (Head, 1987, p. 17).

Sobre o item (1), podemos afirmar que hoje dispomos de dados que recobrem 250 localidades distribuídas pelos 26 estados brasileiros, graças ao empenho da equipe do Projeto ALiB. Sobre o item (2), o ALiB também incluiu no *Questionário Fonético Fonológico* (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001) questões sobre a realização de /l/ em coda interna e externa e em encontros consonantais. Esses dados podem subsidiar reflexões acerca de processos fonético-fonológicos que envolvem a alternância entre líquidas, como os fenômenos de rotacismo e lambdacismo, os quais podem contribuir para a compreensão de processos mais amplos relacionados à dinâmica dos róticos no português brasileiro. Por exemplo: falta > fa[ɾ]ta; final > fina[ɾ].

² Quanto à dimensão diamésica, cumpre observar que, em dados escritos, apenas o apagamento pode ser identificada diretamente, uma vez que a escrita convencional não registra as diferentes realizações fonéticas do /r/

Quanto à abordagem geolinguística, os primeiros atlas estaduais concluídos e ou publicados no Brasil (Rossi, 1963; Ribeiro *et al.*, 1977; Ferreira *et al.*, 1987; Aguilera, 1994; Altino, 2007; Oliveira, 2007), que trazem cartas lexicais contendo o /r/ em coda interna e externa, têm subsidiado estudos diversos, como a tese desenvolvida por Castro (2006), com dados do ALPR (Aguilera, 1994) e a dissertação de Silva (2012), com *corpus* do EALMG (Ribeiro *et al.*, 1977), comparando-o com dados atuais do ALiB.

Na abordagem acústica, citamos Rennie (2016), que analisa a variação dos róticos no PB com base em um *corpus* coletado em Lavras – MG, à luz do modelo de exemplares. Para a autora, “a rede de róticos é específica de cada língua porque é formada em interação com outros elementos do sistema fonológico” o que a leva a concluir que a “sobreposição de variantes anteriores e posteriores em coda silábica indica que o contraste entre R-forte e r-fraco pode ser caracterizado como um *quase-contraste*” (Rennie, 2016, p. 70).

Sob o olhar da Sociofonética, Chaves e Seara (2021, p. 241) procederam a uma análise acústica das variantes dos sons de r-forte³ na fala de descendentes italianos da cidade de Rio do Sul, Alto Vale do Itajaí – SC e constataram que “os descendentes italianos da comunidade estudada produzem, como r-forte, diferentes variantes, além do tepe [r]”, resultados que parecem sofrer a influência dos fatores idade, identidade e região de origem.

1 Estudos sobre os róticos: síntese e perspectivas geolinguísticas

Até onde pudemos apurar, a maioria das pesquisas sobre a realização dos róticos⁴ no PB se concentra nas regiões Sudeste e Sul. Nesse aspecto, a busca de referências nos permite afirmar que, inicialmente, grande parte dos trabalhos foi realizado por Callou, seja em pesquisa individual ou em coautoria conforme atestamos, na sequência, com alguns trabalhos selecionados para ilustrar essa assertiva.

³ Mantém-se a terminologia utilizada por Rennie (2016), embora os termos ‘r-forte’ e ‘r-fraco’ apresentem limitações descritivas e possam abranger conjuntos distintos de variantes róticas.

⁴ Para fins de padronização terminológica, adotamos neste estudo a notação /r/ para referência ao segmento rótico em nível fonológico, reservando as transcrições fonéticas entre colchetes para variantes específicas, tais como [r], [ɾ], [h] e [x]. Mantém-se notações distintas apenas quando decorrentes da nomenclatura originalmente utilizada pelos autores citados ou em citações literais.

1.1 Sobre estudos na Região Sudeste

Iniciando em 1987⁵, com dados da fala culta da cidade do Rio de Janeiro, Callou verifica que, na década de 70, predomina a fricativa velar em contexto de coda interna. Quanto à posição de coda silábica externa, a preferência recai sobre o apagamento ou sobre realizações posteriores do /r/. Callou (1987, p. 147) conclui, também, que a “mudança da norma de pronúncia estaria mais avançada entre as mulheres, em todos os contextos, embora mais flagrante em posição inicial, em contraste nítido com os falantes do gênero masculino”.

Em trabalho posterior, Callou, Moraes e Leite (1996) elegem como *corpus* dois fenômenos fonéticos: a realização das vogais médias pretônicas e a do /r/ em trava silábica nos cinco centros urbanos do Projeto NURC (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), com base nas amostras da década de 1970. A posição do rótico, no vocábulo, foi selecionada como mais significativa e exigiu análise separada uma vez que a posição final (externa) constitui o ambiente em que o apagamento se dá mais frequentemente.

Duas décadas depois, Callou e Brandão (2016) reconhecem que caracterizar áreas dialetais é tarefa das mais complexas, sobretudo no Brasil, dado que,

[...] de um lado, nem sempre um conjunto de variáveis apresenta resultados convergentes em determinadas áreas; de outro, as variantes que elas englobam por vezes se encontram representadas, com maior ou menor frequência, na fala de todo o país. Apesar dessas dificuldades, algumas variáveis vêm sendo apontadas como suscetíveis de propiciar, se não uma delimitação precisa, pelo menos uma macrodivisão linguística, com base em índices percentuais (Callou; Brandão, 2016, p. 97-98).

Esse estudo de Callou e Brandão (2016), sobre a arealização dos róticos em *corpora* de diversas sincronias, levou-as a concluir,

[...] que os róticos estão sujeitos a dois processos – um de posteriorização, paralelo ao de fricativização, e outro de apagamento – que guardam relação entre si, uma vez que os dialetos que mantêm a articulação vibrante anterior correspondem àqueles que preservam mais o segmento. De um lado, a mudança de ponto de articulação, de anterior para posterior, parece representar uma tendência universal (Granda Gutiérrez, 1966; Martinet, 1969; Pahlsson, 1972; Callou, 1987); de outro, o processo de apagamento, em posição de coda silábica final, (i) teria implicações no processo de simplificação da estrutura silábica, e

⁵ O estudo retoma discussões presentes na tese *Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro* foi concluída em 1979 e defendida em 1980, por Callou.

tem sido explicado pela fonética articulatória, mais recentemente, também pela fonologia prosódica; e (ii) o processo se dá abaixo do nível de consciência do falante, uma mudança ‘de baixo para cima’, portanto (Callou; Brandão, 2016, p. 97-98).

Em perspectiva semelhante, Lima (2003) propõe que os processos de posteriorização e apagamento integram a mesma dinâmica de variação do /r/ pós-vocálico. Segundo o autor, esse processo manifesta-se tanto na dimensão articulatória quanto na distribuição geográfica do fenômeno no território brasileiro, com predomínio de variantes mais anteriores nas regiões Sul e Sudeste e de variantes mais posteriores nas regiões Norte e Nordeste.

Em dados de São Paulo, Oushiro e Mendes (2014), fundamentados nas considerações de Weinreich, Labov e Herzog (2006) sobre o encaixamento e a implementação da mudança linguística, comparam três estágios⁶ da mudança linguística do (-r) em coda silábica e analisam os condicionamentos sociais e linguísticos do apagamento variável de (-r) em coda silábica. Resumindo, os autores expõem que

[...] os resultados indicam que, nos estágios iniciais, a variação é condicionada apenas por fatores internos; nos estágios finais, prevalece o *estilo* (definido como grau de atenção à fala – Labov, 2001), o que aponta para a natureza supravernacular da manutenção de (-r) em certos contextos (Oushiro; Mendes, 2014, p. 251).

Nesse conjunto de estudos, destacam-se as contribuições de Silva (2012, 2016, 2023), que analisa os róticos em coda silábica no Sudeste, tomando o /r/ retroflexo como eixo central da investigação. Em sua dissertação (2012), ao comparar três sincronias distintas – os dados do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro *et al.*, 1977), os dados coletados pela própria autora em 2011 e o material inédito do ALiB coletado em 2009 –, descreve a variação de /r/ em contexto de coda, no Triângulo Mineiro, e demonstra, em tempo real e aparente, que o /r/ retroflexo permanece predominante frente às variantes glotal e velar. A autora observa ainda que os homens jovens apresentam índices mais elevados de uso da retroflexa, o que sugere a continuidade da variante mesmo em cenários de competição fonética.

Em sua tese *Pelas veredas do /r/ retroflexo*, Silva (2016) amplia a análise para 80 localidades e 336 informantes da Região Sudeste, com base em dados inéditos do ALiB,

⁶ Comparam-se três estágios da mudança linguística: seu final (quando morfema de infinitivo), um intermediário (em outras classes de palavras) e um inicial (quando se consideram apenas substantivos e adjetivos).

e registra que o /r/ retroflexo constitui a realização de maior extensão territorial no interior paulista e nas regiões do sul e do Triângulo mineiro, enquanto as fricativas glotal e velar apresentam maior vitalidade na porção centro-norte de Minas Gerais, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo. A presença do tepe, embora menos frequente, é registrada sobretudo na capital paulista e em sua região metropolitana.

O mapeamento rótico da Região Sudeste, elaborado com o auxílio do QGIS na tese de Silva (2016) e publicado posteriormente em 2023, figura entre as primeiras aplicações sistemáticas de Sistemas de Informação Geográfica à cartografia fonética dos róticos no português do Brasil. A fotografia linguística oferecida pelas cartas confirma que, embora a glotal e a velar apresentem vitalidade em áreas litorâneas e grandes centros urbanos, é a retroflexa que constitui os blocos de maior concentração territorial, sugerindo expansão em zonas interioranas. Os resultados cartográficos reforçam, ainda, a associação entre a realização da retroflexa e antigas rotas das bandeiras paulistas, aludida pela autora já na tese de 2016.

Do ponto de vista linguístico, os estudos de Silva, em diálogo com os resultados de Callou (1987) e de Callou, Moraes e Leite (1996), constata que, entre os verbos, processos de apagamento e de posteriorização ocorrem com maior frequência, enquanto, nos nomes, a retroflexa se mantém mais estável.

1.2 Sobre estudos na Região Sul

Na Região Sul, destaca-se Monaretto (1992, 1994, 1997, 2000, 2002, 2003). Em artigo publicado em 2000, sobre o apagamento da pós-vocálica na fala do Sul do Brasil, Monaretto, por meio dos dados do VARSUL, demonstra que esse processo é encontrado basicamente em final de palavra, em verbos no infinitivo e que a localidade também desempenha papel para seu emprego. Em 2008, juntamente com Brescancini, a pesquisadora verificou que essa variável está condicionada pelo grupo geográfico e pela posição que ocupa na sílaba. Na posição de ataque, as fricativas velares são mais frequentes em Porto Alegre, Florianópolis e Londrina. Na posição de coda em final de palavra, registraram (o que foi confirmado em estudos posteriores) a maior frequência do apagamento, enquanto em coda medial destaca-se o tepe. No primeiro caso, em se tratando de verbos no infinitivo e na faixa etária mais jovem, o processo caminha para uma situação de mudança. No caso de não verbos, os monossílabos e o rótico em sílaba átona são mais propensos ao apagamento.

Ampliando o foco da análise dos róticos, Rockenbach e Battisti (2021) examinaram a produção, percepção e avaliação linguística do apagamento de /r/ em dados de fala de 16 entrevistas, no Português de Porto Alegre, com os objetivos de: (i) esclarecer os fatores linguísticos e sociais relativamente ao apagamento do rótico, e (ii) verificar se o apagamento possui significados sociais. Para tanto, realizaram duas análises: a quantitativa e um teste-piloto de percepção e avaliação linguística. As autoras constataram que o apagamento do /r/ em Porto Alegre é condicionado por variáveis linguísticas e parece estar em estabilidade na comunidade.

Comparando dados geolinguísticos do Paraná e de Minas Gerais, Castro (2006), em sua tese de doutorado, propõe verificar a presença de traços fonéticos e lexicais do dialeto caipira em Minas Gerais e no Paraná, com base nos dados do *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (Ribeiro *et al.*, 1977) e do *Atlas lingüístico do Paraná* (Aguilera, 1994). Com referência ao nível fonético, interessa-nos verificar as conclusões de Castro sobre o retroflexo em final de sílaba e em posição intervocálica e o apagamento do /r/ em final de palavra. Conclui a autora que, dentre as variáveis analisadas, somente o retroflexo exibe o caráter de uma variante mais propriamente geográfica, “uma vez que ocorre em áreas que refletem a influência paulista; ou por se encontrarem próximas a São Paulo, e/ou porque historicamente correspondem a áreas de penetração dos paulistas” (Castro, 2006, p. 9). Nas palavras de Castro:

Nesse sentido, o que atestamos em nosso *corpus* foi uma ocorrência nítida do “r caipira” em uma determinada área tanto em Minas como no Paraná. Nessas áreas ocorreram simultaneamente variantes fonéticas populares que, se por um lado são mais gerais no país, por outro lado são também integrantes do que Amaral descreveu como o dialeto caipira (Castro, 2006, p. 276).

1.3 Sobre estudos na Região Centro-Oeste

Dando prosseguimento as suas pesquisas, Castro (2013) dedica-se a verificar a realização, distribuição e concentração do “r caipira” em coda silábica interna e externa de palavras, usando como *corpus* as cartas do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (Oliveira, 2007). A autora conclui que, “atestado em todas as localidades investigadas, como variante exclusiva ou nitidamente predominante”, sinaliza a “influência do dialeto caipira nesse território, historicamente explicada pela atuação dos bandeirantes paulistas no povoamento dessa região” (Castro, 2013, p. 573).

1.4 Sobre estudos da Região Norte

No contexto da Região Norte, Sanches e Camarão (2020), com base nos dados da Carta Fonética F05 do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017), descrevem os róticos em coda silábica no falar amapaense. Nos itens analisados, os autores registraram a ocorrência da variante glotal em 83% dos dados e sua ausência em 17%.

No Pará, Razky e Lima (2024), ao retomarem dados analisados inicialmente por Lima (2003) para a cidade de Cametá (PA), identificaram predomínio da variante retroflexa (69%), resultado que contribui para ampliar a área de ocorrência tradicionalmente atribuída a essa variante no português brasileiro. Os autores retomam a hipótese de Head (1973, 1987) acerca do caráter natural da retroflexão e sugerem possíveis relações entre a presença dessa realização na região e processos históricos de mobilidade populacional associados às rotas bandeirantes.

1.5 Sobre estudos na área do Território Incaracterístico

Decorridos mais de 60 anos, a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953) motivou Cuba (2015) a percorrer onze localidades distribuídas pelo então denominado *território incaracterístico*, com o objetivo de documentar e descrever, por meio da elaboração do *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico* – ALTTI, as variedades do português falado naquela área, em dados de oito informantes por localidade, estratificados segundo o sexo, a faixa etária e a procedência (migrantes e filhos de migrantes).

A carta 007, que traz a distribuição dos róticos em coda silábica interna, mostra a predominância da retroflexa em 64% dos dados, seguida da glotal em 20% e do tepe em 11%. A Carta 008 - /r/ em coda silábica externa em nomes indica maior frequência para o apagamento (49%), seguida da retroflexa (40%).

Ao final, Cuba propõe substituir a denominação *território incaracterístico* por *território multidialetal* uma vez que os dados indicaram

[...] a existência de duas áreas dialetais na Região tomada como espaço de pesquisa que mostram, de modo geral, o contato entre duas principais frentes migratórias: uma mais nortista, que segue os caminhos do garimpo e da extração vegetal, que se estende a leste e a oeste do “território incaracterístico”, e outra mais sulista que avança, sobretudo, para o centro da área de estudo, acompanhando o caminho das rodovias BR 163, BR 164 e BR (Cuba, 2015, p. 218).

2 Procedimentos metodológicos

Um dos objetivos deste trabalho, como já expusemos, é comparar a divisão dialetal de Nascentes (1953) com os resultados expostos nas cartas F04 (C2 a C6) do vol. 2 do ALiB (Cardoso *et al.*, 2014) referentes aos róticos em coda interna e externa. Cumpre ressaltar, entretanto, que a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) não foi estabelecida com base na distribuição dos róticos, mas, sobretudo, na realização das vogais médias pretônicas. Sua utilização neste estudo assume caráter comparativo e interpretativo, uma vez que permite observar possíveis convergências entre a configuração dialetal delineada pelo autor e os padrões de distribuição espacial identificados para o /r/. Sendo assim, para proceder à análise dos dados e facilitar a visualização das áreas e subáreas dialetais, trazemos uma adaptação colorida do mapa (Figura 1) de Nascentes (1953).

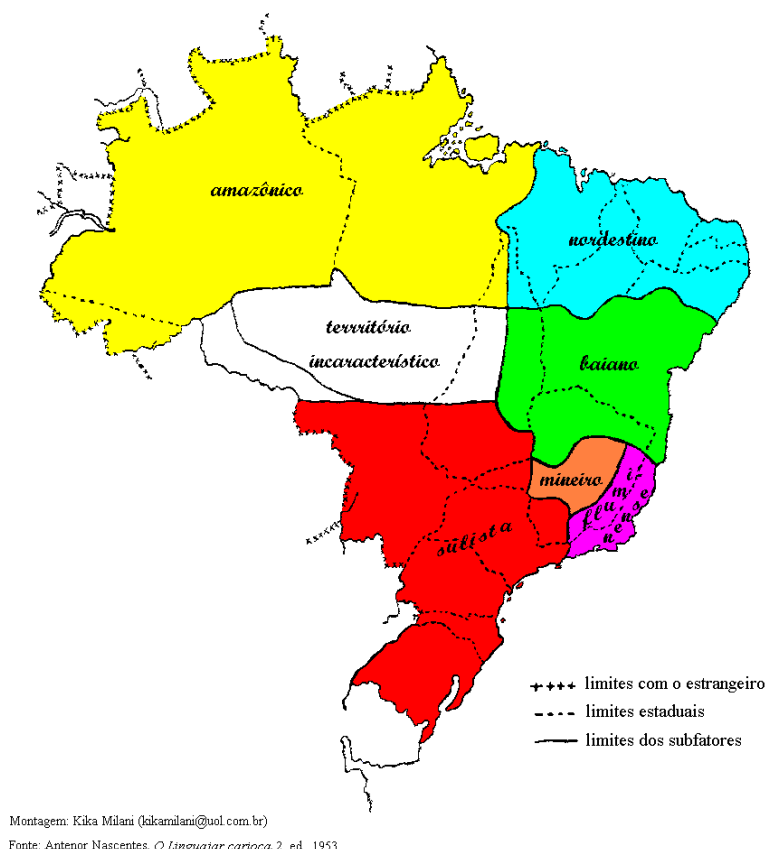


Figura 1. Proposta de divisão dialetal do português brasileiro segundo Nascentes (1953).
Fonte: Adaptado de Nascentes (1953) por Kika Milani.

O *corpus* analisado neste estudo constitui-se de seis cartas fonéticas do volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2014): (i) a Carta F04 C1, que apresenta a distribuição do /r/ em coda silábica externa, indicando a presença ou a ausência do rótico em nomes; (ii) a Carta F04 C2, que mostra a presença ou a ausência do rótico em verbos, também em coda silábica externa; (iii) a Carta F04 C3, que documenta as realizações fricativas e vibrantes do /r/ em coda silábica externa em nomes; (iv) a Carta F04 C4, que registra as realizações fricativas e vibrantes do /r/ em coda silábica externa em verbos; (v) a Carta F04 C5, que retrata a presença ou a ausência do rótico em coda silábica interna; e, por fim, (vi) a Carta F04 C6, que traz a distribuição geral dos róticos, em coda interna, no conjunto das capitais brasileiras. Ao final da análise do *corpus*, apresentamos a comparação entre os dados levantados e a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953).

3 Análise do /r/ em coda externa em nomes e verbos: presença *versus* ausência

Antes de proceder à análise, cumpre registrar que os róticos em coda externa e interna nas capitais brasileiras foram descritos por Aguilera, Castro e Kailer (2023), no volume 3 do *Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas* (Mota; Ribeiro; Oliveira, 2023). As autoras analisam o mesmo conjunto de cartas fonéticas mobilizado neste estudo, oferecendo uma descrição dos principais padrões regionais de distribuição das variantes róticas. Neste artigo, tomamos esse estudo como ponto de partida, mas deslocamos o foco analítico para a comparação entre a distribuição areal dos róticos documentada pelo ALiB e a proposta de divisão dialetal formulada por Nascentes (1953), buscando verificar em que medida os dados fonéticos permitem tensionar, corroborar ou reconfigurar essa divisão.

A Carta F04 C1 (Figura 2), que trata da presença *versus* ausência do /r/ em coda silábica externa em nomes, mostra que a manutenção do segmento predomina no conjunto das capitais brasileiras, correspondendo a 58% das ocorrências, enquanto o cancelamento atinge 42%, conforme registram Aguilera, Castro e Kailer (2023). Quanto à distribuição geográfica, o apagamento ocorre com maior frequência nas capitais do Norte e do

Nordeste, ao passo que a manutenção apresenta maior regularidade no Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país.

Esse comportamento revela um contraste gradual entre as regiões, no qual o enfraquecimento do /r/ tende a associar-se às variedades setentrionais e a sua conservação, às meridionais. Ainda que o fenômeno não delimite, de forma rígida, uma fronteira dialetal, a distribuição dos dados confirma a existência de padrões fonéticos regionais que dialogam, em parte, com a bipartição Norte/Sul proposta por Nascentes (1953), mas que também indicam zonas de transição e sobreposição.

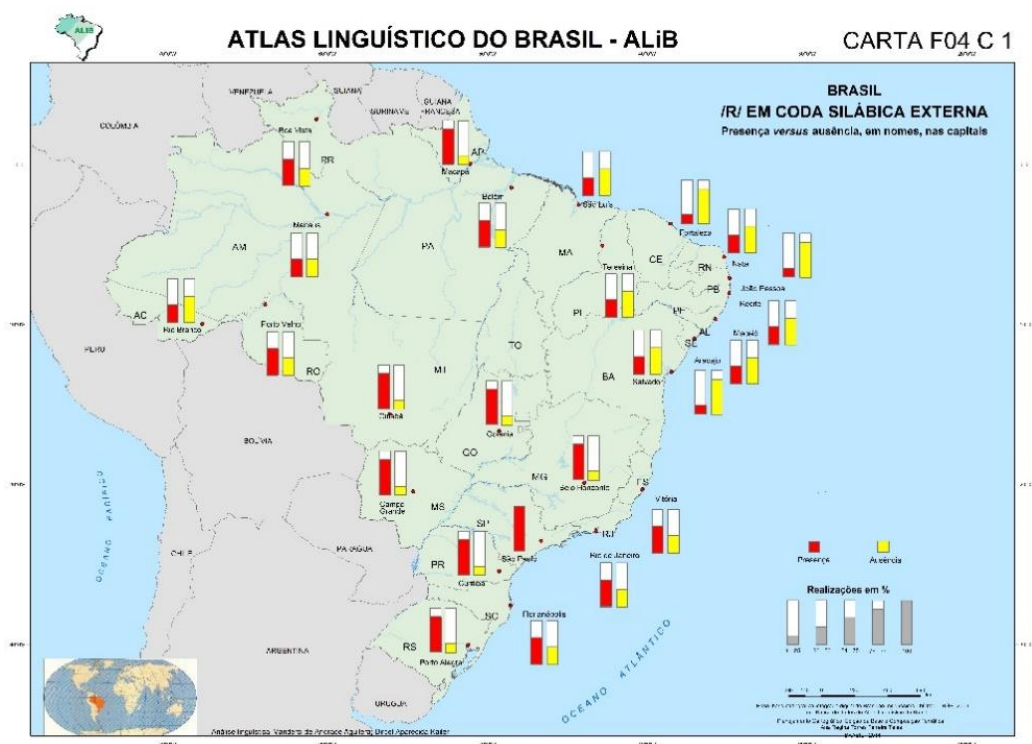


Figura 2. Carta F04 C 1 - /r/ em coda silábica externa em nomes. **Fonte:** Cardoso et al. (2014, p. 100).

No que diz respeito ao /r/ em coda externa em verbos, a Carta F04 C2 (Figura 3) apresenta uma distribuição que, em linhas gerais, aproxima-se daquela observada para os nomes, embora revele diferenças importantes. No conjunto das capitais brasileiras, o apagamento do rótico mostra-se predominante em praticamente todas as regiões do país, alcançando 72,7% das ocorrências, frente a 27,3% de manutenção do segmento (Aguilera; Castro; Kailer, 2023). A exceção ocorre em Belo Horizonte, onde a realização glotal supera ligeiramente os casos de cancelamento.

Nas capitais das regiões Nordeste e Norte, os índices de apagamento, em sua maioria, ultrapassam 70%, alcançando, em diversas localidades, percentuais entre 76% e 99%.

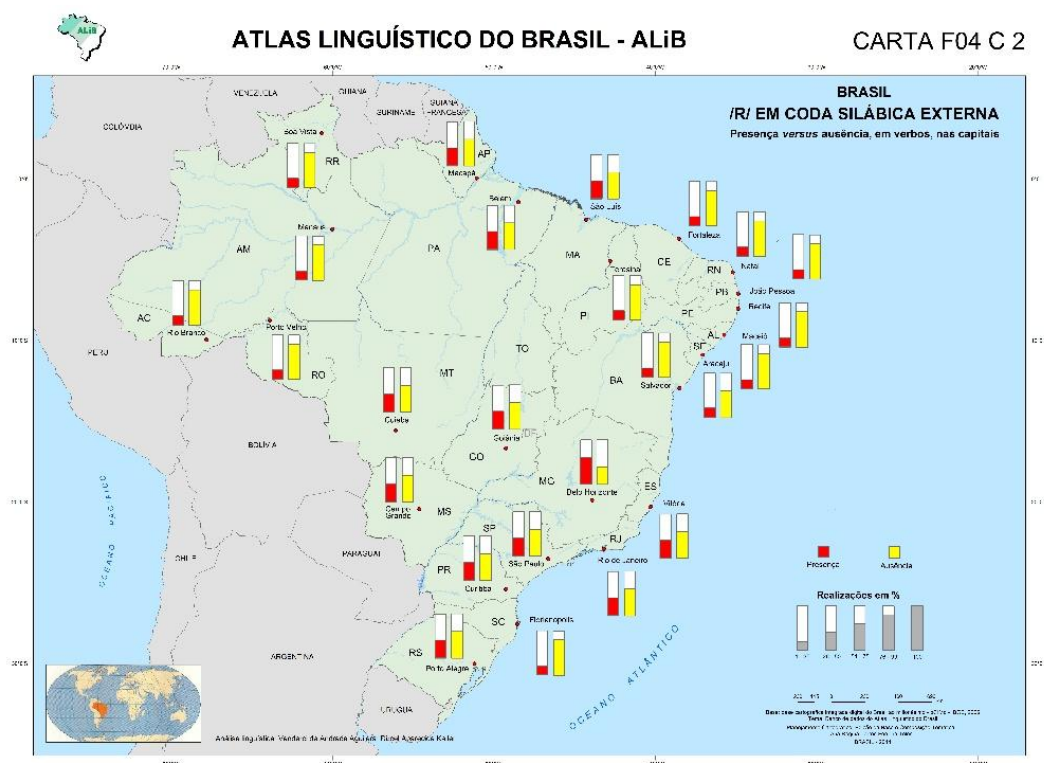


Figura 3. Carta F04 C 2 - /r/ em coda silábica externa em verbos. **Fonte:** Cardoso et al. (2014, p. 101)

Do ponto de vista linguístico, a tendência ao apagamento do rótico em coda externa constitui um processo fonético recorrente no Português Brasileiro, de natureza funcional e não estigmatizada, presente em diferentes regiões e classes sociais, conforme atestam diversos estudos, como os de Callou, Moraes e Leite (1996), Hora (2009), Silva (2016), Barreto e Massini-Cagliari (2019) e Rockenbach e Battisti (2021). Tal fenômeno explica-se, em parte, pela regularidade morfológica do paradigma verbal, que promove o nivelamento das terminações e favorece o enfraquecimento do rótico em posição final.

Além dos fatores morfológicos e prosódicos, diferentes investigações têm demonstrado a correlação entre o apagamento e a natureza articulatória posterior do rótico, especialmente nas variedades em que este se realiza como fricativa velar, uvular ou glotal. Howson e Kochetov (2018), a partir de análise gestual, demonstraram que o deslocamento dorsal da articulação reduz a amplitude gestual do /r/ e, conseqüentemente, favorece sua lenição ou supressão.

Em consonância com estudos anteriores, Castro (2013), Aguilera e Kailer (2015) e Aguilera, Castro e Kailer (2023) já haviam apontado que o apagamento do /r/ em coda externa é mais frequente nas regiões em que predominam róticos posteriores (velares e glotais), o que sugere uma relação direta entre o ponto de articulação e o grau de estabilidade segmental. A presente análise confirma essa tendência, pois o fenômeno ocorre com maior intensidade nas regiões Norte e Nordeste, onde os róticos característicos são posteriores, frequentemente realizados como [h] ou [x]. Nessas áreas, o apagamento representa a etapa final de um *continuum* de lenição, que vai da fricativização à elisão completa, conforme também documentado por Lima (2003), Brandão (2007) e Brescancini e Monaretto (2008).

3.1 Análise das realizações fricativas (velar e glotal) e vibrantes (tepe, alveolar múltipla e retroflexa) de /r/, em coda externa em nomes (Carta F04 C 3) e em verbos (Carta F04 C4)

A Carta F04 C3 (Figura 4), que traz a distribuição das realizações fricativas e vibrantes do /r/ em coda silábica externa em nomes, revela um quadro de variação articulatória que distingue de modo claro as regiões setentrionais das meridionais. Nas capitais do Norte e do Nordeste, predominam realizações fricativas e aspiradas, geralmente dorsais, representadas por [h] e [x], o que confirma a ampla difusão dos róticos posteriores nessas áreas.

nomes, com pequenas variações de intensidade entre as capitais. As fricativas glotal [h] e velar [x] continuam dominantes nas regiões Norte e Nordeste, estendendo-se ao litoral do Sudeste, especialmente nas capitais Rio de Janeiro e Vitória, e alcançando Florianópolis, ainda que com menor frequência.

Na região Centro-Oeste prevalece o retroflexo [ɻ], atingindo 94,7% das ocorrências em Cuiabá; 87% em Campo Grande e 54% em Goiânia (Aguilera; Castro; Kailer, 2023); sua ocorrência, embora menos expressiva, abrange também São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Em Goiânia, o equilíbrio entre retroflexas (54%) e fricativas (48%) confirma seu papel de área de transição entre os dois grandes domínios articulatórios, conforme já apontado na análise dos nomes.

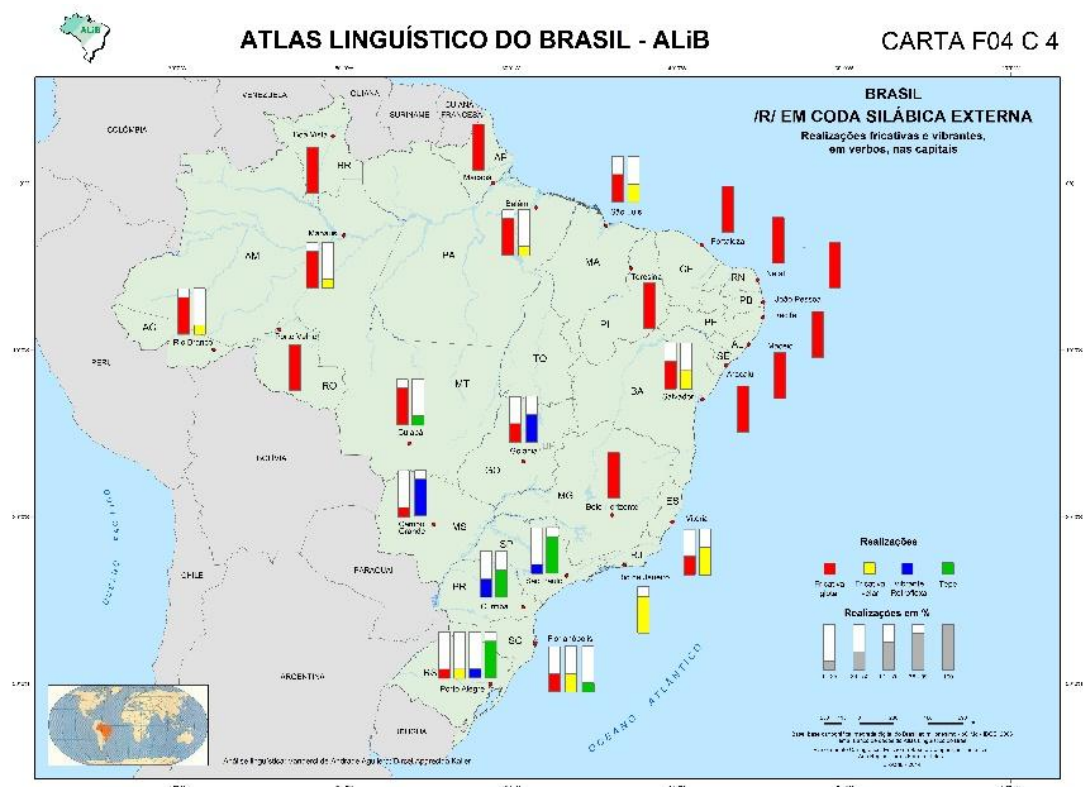


Figura 5. Carta F04 C4 - /r/ em coda silábica externa: realizações fricativas e vibrantes em verbos, nas capitais. **Fonte:** Cardoso et al. (2014, p. 105)

A análise conjunta das Cartas F04 C3 e F04 C4 (Figuras 4 e 5, respectivamente) atesta uma consistência espacial das variantes, independentemente da classe gramatical (nomes ou verbos). Embora o contexto verbal tenda a favorecer o apagamento, a distribuição areal dos róticos mantém-se significativamente parecida, reforçando o papel do fator geográfico nessa organização. O litoral norte-nordestino e parte do litoral sudeste

e sul configuram-se como faixas de posteriorização e fricativização, enquanto o interior centro-meridional forma um eixo retroflexo e alveolar.

Essa configuração aponta que a divisão horizontal Norte/Sul já não descreve adequadamente o cenário atual do português brasileiro, substituída por um modelo vertical e pluridimensional, no qual os limites dialetais se expressam como faixas graduais de variação articulatória, e não como fronteiras fixas entre falares.

Concluída a análise dos róticos em coda externa, avançamos para os dados da coda interna, apresentados nas Cartas F04 C5 e F04 C6, que permitem o estudo da distribuição das variantes em um contexto menos sujeito ao apagamento.

3.2 Análise do /r/ em coda interna em nomes e verbos: presença *versus* ausência

A Carta F04 C5 (Figura 6), que documenta a presença e a ausência do /r/ em coda silábica interna nas capitais brasileiras, em contraste com o comportamento da coda externa, mais suscetível ao apagamento e à lenição, revela um quadro fonético menos propenso à supressão do rótico – em apenas 1,7% dos casos (Aguilera; Castro; Kailer, 2023) - e marcado por baixa dispersão areal da ausência. Em 13 das 25 capitais, a presença do segmento é categórica, e nas demais apresenta-se em níveis elevados, situando-se entre 76% e 99%.

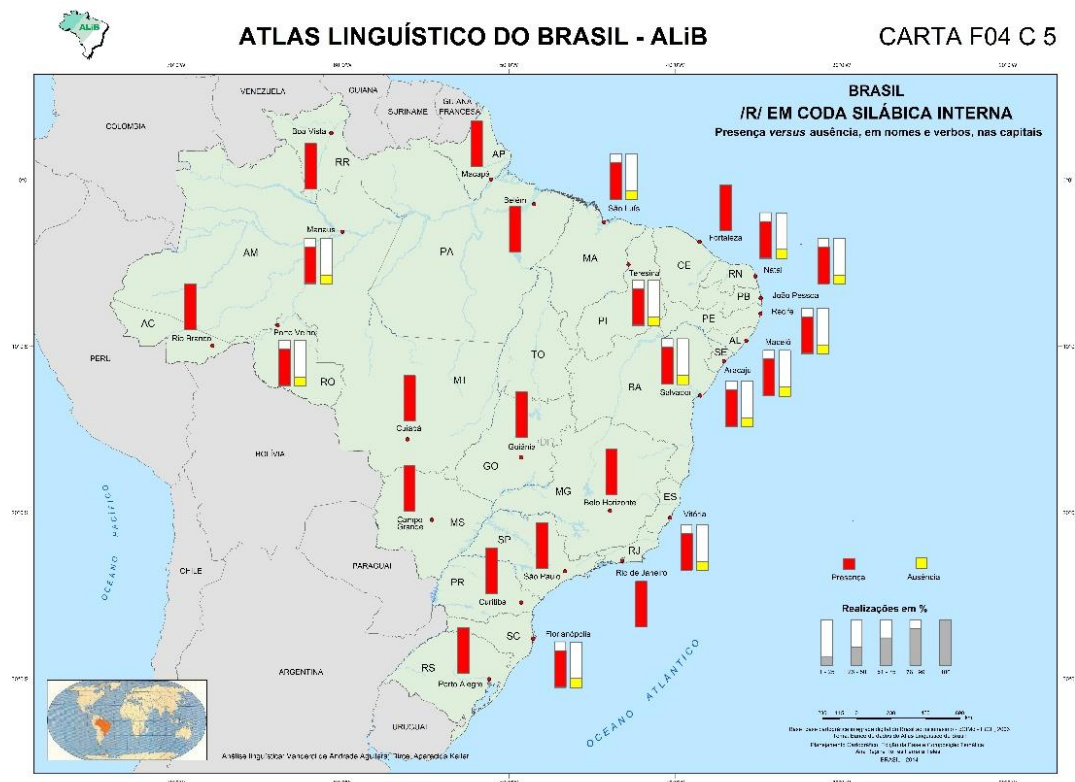


Figura 6. Carta F04 C5 - /r/ em coda silábica interna: presença *versus* ausência, em nomes e verbos, nas capitais. **Fonte:** Cardoso et al. (2014, p. 107)

Os dados da carta (Figura 6) indicam que esse contexto fonológico resiste aos processos de enfraquecimento e de elisão, fenômeno já apontado por Callou (1987) e por Callou, Moraes e Leite (1996) como distintivo entre os dois tipos de coda. Tal estabilidade reflete o fato de que a coda interna apresenta maior integração ao corpo silábico e não sofre a pressão morfológica que afeta, especialmente, os verbos no infinitivo em posição final de palavra.

A análise diatópica da Carta F04 C5 mostra que os casos de ausência do /r/ em coda interna se concentram no Nordeste, Região que reúne um número expressivo de capitais com algum grau de apagamento, ainda que predomine amplamente a realização do /r/. Nas demais regiões, a presença do segmento é categórica ou atinge percentuais muito elevados. Esses dados parecem confirmar que a influência da diatopia sobre a supressão do rótico em coda interna é bastante limitada.

3.2.1 Análise do /r/ em coda interna em nomes e verbos: realizações fricativas (glotal e velar) e vibrantes (tepe, alveolar múltipla e retroflexa), em nomes e verbos, nas capitais

A Carta F04 C6 (Figura 7) reúne a distribuição das realizações do /r/ em coda silábica interna, em nomes e verbos, nas capitais brasileiras. No conjunto dos dados, a variante glotal predomina no conjunto dos dados, atingindo 2.055 ocorrências; seguida da retroflexa, com 369; da tepe, com 313 e, por fim, da velar com 146 (Aguilera; Castro; Kailer, 2023)

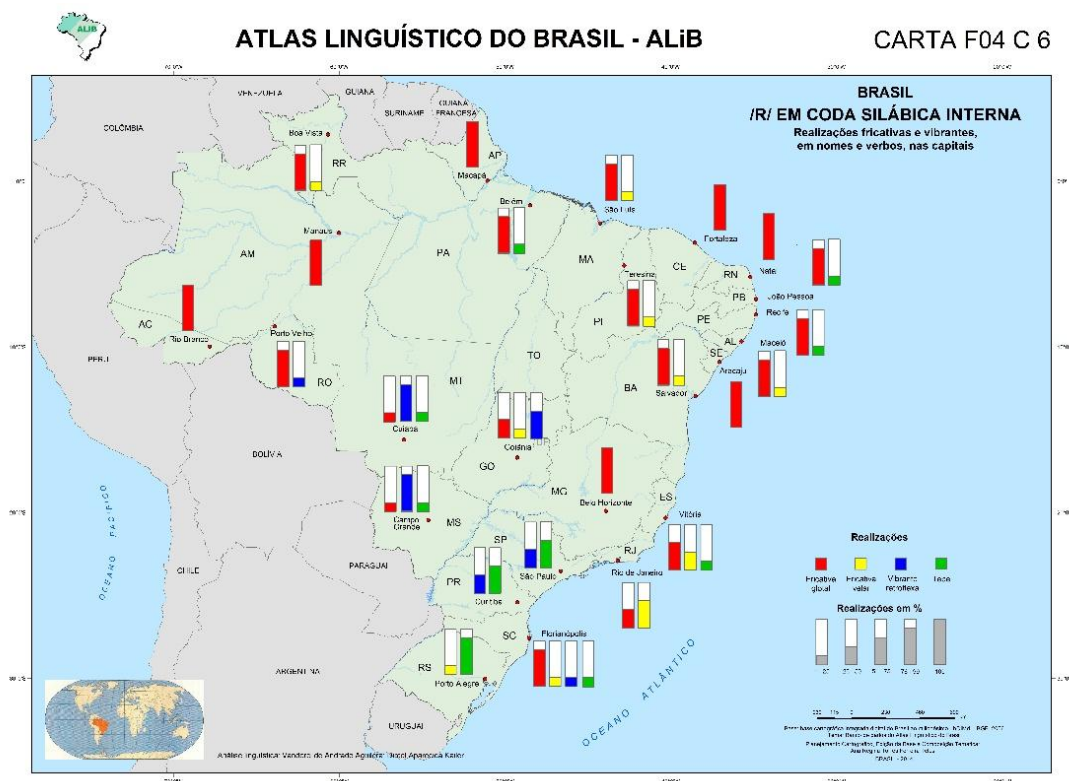


Figura 7. Carta F04 C6 - /r/ em coda silábica interna: realizações fricativas e vibrantes, em nomes e verbos, nas capitais. **Fonte:** Cardoso et al. (2014, p. 109)

As realizações fricativas predominam nas capitais do Norte e do Nordeste, configurando um contínuo setentrional já identificado nas cartas de coda externa, ainda que, nesse contexto, com maior estabilidade. Trata-se, sobretudo, das fricativas glotais e velares, que se distribuem ao longo do litoral e do interior dessas regiões, mantendo o padrão de posteriorização característico de seus falares. Para Aguilera, Castro e Kailer (2023, p. 91):

[...] Esses resultados vêm corroborar as conclusões de pesquisas anteriores que atestam a hegemonia da fricativa glotal nas regiões Norte e Nordeste e sua concorrência com outras variantes róticas nas regiões

Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Relembramos as conclusões de Corrêa (1979), com dados do interior de Goiás; de Callou, Moraes e Leite (1996), com dados de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife; de Brescancini e Monaretto (2008), com amostras do Projeto Varsul, na Região Sul.

As realizações retroflexas formam um núcleo articulatorio, concentrado no interior do país. Esse bloco abrange capitais do Centro-Oeste, do Sul e do Sudeste, compondo um eixo centro-meridional que coincide com resultados já documentados por Brandão (2007), Castro (2013), Silva (2012, 2016, 2023) e Aguilera, Castro e Kailer (2023).

No que diz respeito ao tepe, a Carta F04 C6 mostra que esse rótico apresenta um comportamento geograficamente concentrado no Sul do país, única região em que ocorre de modo mais consistente em coda interna. Nas demais regiões, sua presença é reduzida ou inexistente. Essa distribuição localizada sugere que o tepe, nesse contexto fonológico, mantém vitalidade vinculada aos falares meridionais, contrastando nitidamente com a ampla extensão das fricativas nas regiões setentrionais e com o eixo retroflexo centro-meridional.

3.3 A divisão de Nascentes *versus* os dados do ALiB, acerca do /r/ em coda silábica

A comparação entre a distribuição dos róticos nas cartas F04 do ALiB e a divisão proposta por Nascentes (1953), apresentada na Fig.1, aponta que, no português brasileiro, a distribuição areal das variantes do /r/, em coda silábica, não segue o modelo horizontal clássico, baseado na oposição entre Norte e Sul. A linha Bahia–Minas–Rio, sugerida pelo autor como fronteira entre dois domínios dialetais, não encontra correspondência sistemática na organização espacial revelada pelos dados analisados.

Nas cartas que tratam da supressão do rótico, a distribuição do apagamento forma um corredor que se estende ao longo do litoral norte-nordestino e avança pelo litoral do Sul do país, compondo um espaço contínuo que não se alinha ao recorte horizontal de Nascentes, pois reúne capitais pertencentes aos dois lados de sua fronteira dialetal. Ao mesmo tempo, as capitais do Centro-Oeste, regiões do interior do Sudeste e do Sul apresentam percentuais muito reduzidos de apagamento, configurando um bloco

interiorano de manutenção do segmento que atravessa diferentes latitudes e, portanto, contraria o modelo bipartido original.

A Carta F04 C6 reforça essa interpretação, pois as realizações fricativas, predominantes no litoral do Norte e do Nordeste e presentes também no litoral do Sudeste e do Sul, compõem um eixo contínuo de posteriorização rótica ao longo da faixa atlântica. Esse eixo não se limita a um dialeto do Norte, como proposto por Nascentes, mas constitui uma zona articulatória longitudinal, marcada pelo contato histórico com outras línguas, pela urbanização intensa e pelo padrão de variação atestado em estudos sociolinguísticos. Em oposição a esse corredor litorâneo fricativo, observamos o eixo retroflexo centro-meridional, que abrange as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, formando um bloco articulatório que também não se ajusta aos limites horizontais da divisão clássica.

Mesmo o tepe alveolar [r], cuja ocorrência é restrita no corpus analisado, apresenta uma distribuição espacial que não encontra correspondência na divisão proposta por Nascentes (1953). Sua distribuição localizada no Sul não produz um subdialeto próprio, mas confirma o caráter longitudinal das áreas róticas: trata-se de um foco regional meridional que convive com o eixo retroflexo interiorano e se distingue tanto do corredor fricativo litorâneo quanto do grupo de capitais onde o apagamento é mais frequente.

A análise da coda interna reforça ainda mais o distanciamento entre os dados do ALiB e a divisão do autor. Nessa posição, a presença do rótico é categórica ou quase categórica em grande parte do país, e os poucos casos de ausência ficam concentrados no Nordeste, sem configurar uma área dialetal autônoma. Assim, a dimensão diatópica exerce influência reduzida nesse contexto, e a distribuição do /r/ não sugere qualquer fronteira significativa que corresponda à linha Bahia–Minas–Rio proposta por Nascentes.

Considerando o conjunto das cartas, identificamos três grandes zonas articulatórias longitudinais: (i) um corredor fricativo litorâneo que se estende do Norte ao Sul; (ii) um eixo retroflexo centro-meridional que abrange Centro-Oeste, o Sudeste, e o Sul; e (iii) áreas de transição, sobretudo em Goiás e partes de Minas Gerais, onde retroflexas e fricativas coexistem ou se equilibram. Essas zonas configuram um desenho espacial verticalizado, já sugerido em estudos anteriores, como os de Brandão (2007), Castro (2013), Silva (2016) e Aguilera, Castro e Kailer (2023), que contrasta diretamente com a proposta horizontal de Nascentes.

Dessa forma, os dados do ALiB permitem concluir que a divisão dialetal sugerida por Nascentes (1953) para o português brasileiro não se sustenta quando examinamos o comportamento do /r/ em coda silábica. Em vez de reforçar a oposição entre Norte e Sul, as cartas revelam que os róticos se organizam em faixas longitudinais que atravessam diferentes latitudes e acompanham trajetórias históricas de ocupação e mobilidade populacional. Assim, o estudo do /r/ em coda silábica contribui para a revisão crítica da divisão clássica e para a compreensão de que a geografia linguística do Brasil exige modelos que considerem dinâmicas espaciais mais complexas e não necessariamente alinhadas às fronteiras horizontais tradicionais.

4 Conclusões

Os resultados do corpus analisado, associados aos estudos geolinguísticos e sociolinguísticos recentes, sugerem que a distribuição espacial do /r/ em coda silábica no português brasileiro não encontra correspondência sistemática na bipartição Norte/Sul proposta por Nascentes (1953). Tal resultado não invalida a proposta dialetal do autor, construída a partir dos dados disponíveis à época, mas aponta para a necessidade de interpretações que incorporem a complexidade revelada por fenômenos específicos e por bases empíricas mais amplas.

A análise dos róticos mostra que os traços fonéticos se distribuem segundo corredores longitudinais, mais coerentes com os padrões de variação revelados pelo *Atlas Linguístico do Brasil* e pelos atlas regionais. Trabalhos como o de Aguilera (2009) que comprovou com dados lexicais a necessidade de incluir, na área referente ao Falar do Sul, a classe do subfalar *paulista*; de Silva (2016), que identifica um eixo retroflexo centro-meridional; e de Romano (2014), que propõe uma releitura lexical e fonética das áreas dialetais brasileiras, são estudos que convergem para a necessidade de interpretar o espaço dialetal brasileiro a partir de uma perspectiva pluridimensional, considerando fenômenos e evidências empíricas mais amplos.

Em diálogo com esses estudos e com os dados das cartas analisadas, propomos aqui uma divisão de base fonética em três grandes zonas articulatórias, que substitui a fronteira rígida Bahia–Minas–Rio por faixas de continuidade areal, de natureza fonética e espacial:

1. Zona litorânea - fricativa: i) engloba as capitais do Norte, Nordeste e a faixa costeira do Sudeste, até Vitória, com prolongamento pontual em Florianópolis; ii) caracteriza-se pela predominância de fricativas dorsais e glotais ([x], [h], [ɦ]), associadas à posteriorização articulatória do /r/ em coda externa e iii) configura um corredor costeiro contínuo, que unifica áreas tradicionalmente separadas por Nascentes (1953) e uma convergência fonética ao longo do litoral atlântico.
2. Zona interior - retroflexa e alveolar: i) abarca o Centro-Oeste, o Sul e parte do Sudeste (com destaque para São Paulo), onde predominam o tepe [ɾ] e o retroflexo [ɽ]; ii) corresponde a um eixo longitudinal interno, cujas variantes formam um domínio não fricativo e iii) essa zona dialoga com o que Silva (2016) identificou ao tratar do /r/ retroflexo no Sudeste brasileiro.
3. Zona de transição: i) localiza-se nas capitais limítrofes entre os dois grandes domínios, como Goiânia, Belo Horizonte e Florianópolis, onde há sobreposição de variantes fricativas, alveolares e retroflexas; ii) representa áreas de mistura e difusão fonética, nas quais coexistem traços do corredor litorâneo e do eixo interior.

CRedit

Conceitualização: Helen Cristina da Silva; Vanderci de Andrade Aguilera.

Metodologia: Helen Cristina da Silva; Vanderci de Andrade Aguilera.

Análise Formal: Helen Cristina da Silva; Vanderci de Andrade Aguilera.

Investigação: Helen Cristina da Silva; Vanderci de Andrade Aguilera.

Escrita – esboço original: Helen Cristina da Silva; Vanderci de Andrade Aguilera.

Escrita – revisão e edição: Helen Cristina da Silva; Vanderci de Andrade Aguilera.

Conflito de Interesses

As autoras declaram que não possuem interesses financeiros ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Link para Preprint

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14175>

Declaração de Disponibilidade de Dados

O pacote de dados utilizado neste estudo encontra-se disponível em acesso aberto no repositório Zenodo (Silva, Helen Cristina da, 2026. Dados das cartas FC04 - C1 a C6 - ALiB. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.18380706>), sob licença Creative

Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0) que permite a redistribuição e reutilização de uma obra licenciada, desde que o criador seja devidamente creditado. O conjunto de dados consiste em material linguístico derivado e estruturado, resultante da extração analítica das cartas F04 (C1–C6) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), conforme descrito na metodologia do artigo. O pacote inclui uma planilha em formato reutilizável contendo a matriz analítica empregada nas comparações, organizada por carta, classe gramatical, contexto fonológico, região administrativa e variantes. Não são disponibilizados dados brutos de informantes nem informações identificáveis.

Declaração de Uso de IA

As autoras declaram que nenhuma ferramenta de IA foi utilizada na criação deste manuscrito nem em qualquer aspecto dos trabalhos realizados cujo resultado está reportado no manuscrito.

Declaração Ética

Esta pesquisa não envolveu a coleta de novos dados junto a participantes humanos, nem a realização de entrevistas, experimentos ou quaisquer procedimentos de interação direta com informantes. O estudo baseia-se exclusivamente em dados linguísticos secundários, agregados e não identificáveis, provenientes de cartas linguísticas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Os dados analisados correspondem a material já coletado no âmbito do projeto-fonte e são utilizados, neste artigo, apenas em sua forma derivada, por meio de uma matriz analítica extraída das cartas e disponibilizada em repositório de acesso aberto, acessível em <https://zenodo.org/records/18380706>. Não há acesso a dados brutos, registros individuais ou informações sensíveis de informantes.

Em razão da inexistência de coleta primária de dados e do uso exclusivo de material secundário, agregado e anonimizado, esta pesquisa não se enquadra nos critérios que exigem submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. As análises respeitam os princípios éticos aplicáveis à pesquisa em Linguística e estão em conformidade com os procedimentos adotados pelo projeto-fonte.

Financiamento

Esta pesquisa não recebeu financiamento de agências de fomento ou de outras instituições públicas ou privadas.

Referências

AGUILERA, V. A. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, V. A. Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALiB. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 2, p. 4219–4233.

AGUILERA, V. A.; KAILER, D. A. /R/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar. In: KRAGH, V.; LINDSCHOUW, J. **Les variations diasystemiques et leurs interdépendances**. Strasbourg: Société de Linguistique Romane, 2015. p. 89–101.

AGUILERA, V. A. Da divisão dialetal de Nascentes ao Atlas Linguístico do Brasil: os róticos em coda silábica interna nos subfalares do Sul do Brasil. In: RAZKY, A.; SFAR, I.; SOUTET, O.; MEJRI, S. (org.). **De la variation dans les langues: universaux partagés et idiomatité dynamique**. Araraquara: Letraria, 2020. v. 1, p. 89–110.

AGUILERA, V. A.; CASTRO, V. S.; KAILER, D. A. Os róticos em coda externa e interna. In: MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1**. Londrina: EDUEL, 2023. v. 3, p. 77–98.

AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. As variantes para galinha d'angola: um estudo geossociolinguístico e lexical. In: MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1**. Londrina: EDUEL, 2023a. v. 3, p. 223–235.

AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. Designativos para tangerina. In: MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1**. Londrina: EDUEL, 2023b. v. 3, p. 185–196.

AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. Mandioca, macaxeira ou aipim? Traços de brasilidade no léxico. In: MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1**. Londrina: EDUEL, 2023c. v. 3, p. 209–218.

ALTINO, F. C. **Atlas Linguístico do Paraná II**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Parábola, 2020 [1920].

BARRETO, D. A. dos R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 16, n. 1, p. 37–52, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v16i1.1873>.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -r retroflexo. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 265–283, 2007.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. O. Os róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 11, n. 2, p. 51–66, 2008.

CALLOU, D. M. I. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, D. M. I.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Variações e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado: desenvolvimentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. v. 6, p. 465–493.

CALLOU, D. I.; BRANDÃO, S. F. Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JÚNIOR, L. A. de; MARTINS, M. A. (org.). **Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino**. São Paulo: Blucher, 2016. v. 1, p. 97–122. DOI: <https://doi.org/10.5151/9788580391824-05>.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W. **Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1**. Londrina: EDUEL, 2014. v. 2.

CASTRO, V. S. **A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CASTRO, V. S. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS). **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 566–575, 2013.

CHAVES, M. L. H. A.; SEARA, I. C. Estudo sociofonético dos róticos no Vale de Itajaí em Santa Catarina. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 241–265, 2021.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil: questionários**. Londrina: EDUEL, 2001.

CUBA, M. A. **Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. 2 v.

FERREIRA, C.; FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HEAD, B. F. O estudo do ‘r caipira’ no contexto social. **Revista de Cultura Vozes**, São Paulo, v. 67, n. 8, p. 43–49, 1973.

HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do r caipira. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 13, p. 5–39, 1987.

HORA, D.; MONARETTO, V. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (org.). **Teoria Linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 114–143.

HORA, D. Variação e mudança linguística: o /r/ em coda silábica no português do Brasil. In: OLIVEIRA, M. B.; HORA, D. (org.). **Estudos em variação linguística**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 89–118.

HOWSON, P.; KOCHETOV, A. Gestural lenition of rhotics captures variation in Brazilian Portuguese. In: INTERSPEECH, 19., 2018, Hyderabad. **Proceedings of Interspeech 2018**. [S. l.]: ISCA, 2018. p. 182–186. DOI: <https://doi.org/10.21437/Interspeech.2018-1404>.

ISTRE, G. L. **A phonological analysis of a Brazilian Portuguese interior dialect**. 1971. Dissertation (Doctor of Philosophy in Linguistics) – Louisiana State University and Agricultural & Mechanical College, Baton Rouge, 1971. DOI: https://doi.org/10.31390/gradschool_disstheses.1994.

- LIMA, A. F. de. A pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Cametá-PA. In: RAZKY, A. (org.). **Estudos Geo-Sociolingüísticos no Estado do Pará**. Belém: UFPA, 2003. p. 54–78.
- MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Disponível em: Biblioteca Digital de Obras Raras da UFRJ. Acesso em: 25 out. 2025.
- MARTINS, M. S. **Variação lexical em itens da vida urbana no Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. 2023. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.
- MONARETTO, V. N. O. **A vibrante: representação e análise sociolingüística**. 1992. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- MONARETTO, V. N. O. O status fonológico da vibrante. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 153–157, 1994.
- MONARETTO, V. N. O. Análise sociolingüística da vibrante no sul do país. **Graphos – Revista da Pós-Graduação em Letras/UFPB**, v. 1, n. 2, p. 25–34, 1997.
- MONARETTO, V. N. O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275–284, mar. 2000.
- MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253–268.
- MONARETTO, V. N. O. Uma análise alternativa para a vibrante no português. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 81–94, 2003.
- MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1**. Londrina: EDUEL, 2023. v. 3.
- MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M. As consoantes oclusivas /t, d/ diante de [i]. In: MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1**. Londrina: EDUEL, 2023. v. 3, p. 117–136.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].
- OLIVEIRA, D. P. (org.). **Atlas lingüístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: EDUFMS, 2007.
- OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. **Veredas — Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 251–266, 2014.
- RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. C.; SANCHES, R. D. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
- RAZKY, A.; LIMA, A. F. de. O erre retroflexo no espaço dialetal de Cametá no estado do Pará. **Géolinguistique**, n. 24, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/12xmj>.
- RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 70–97, 1º sem. 2016.
- RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.

RIBEIRO, S. S. C. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROCKENBACH, L. M.; BATTISTI, E. Produção e percepção do apagamento variável de /R/ em coda silábica no português de Porto Alegre (RS). **Cadernos de Linguística**, Campinas, v. 2, n. 4, p. e426, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id426>.

RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

ROMANO, V. P.; AGUILERA, V. A. Padrões de variação lexical na Região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 575–587, jan./abr. 2014.

ROMANO, V. P.; AGUILERA, V. A. Contribuições do projeto ALiB para a busca de falares no Centro-Sul do Brasil. In: SANTANA, A. C. M.; ALMEIDA, J. E. de (org.). **Pesquisas em Estudos da Linguagem: mestrado e doutorado**. São Paulo: Todas as Musas, 2024. v. 1, p. 163–184.

ROSSI, N. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANCHES, R. D.; CAMARÃO, L. G. Q. M. Perfil do fonema /R/ em coda silábica no falar amapaense. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 67, p. 367–389, jul./dez. 2020.

SERRA, F. P. **Subfalar Nordeste em foco: proposta de subdivisão da demarcação de Nascentes (1953) a partir de dados lexicais do Projeto ALiB**. 2024. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

SILVA, H. C. O /r/ retroflexo no Triângulo Mineiro: um estudo geossociolinguístico. In: ALTINO, F. C. (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012. p. 283–304.

SILVA, H. C. **Pelas veredas do /r/ retroflexo**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SILVA, H. C. Mapeamento da variação de /r/, em coda silábica interna, na Região Sudeste: contribuições do QGIS. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 26, n. 3, p. 62–77, dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2023v26n3p62-77>.

SILVA, H. C. **Dados das cartas FC04 - C1 a C6 - ALiB**. [Conjunto de dados]. Zenodo, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18380706>.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza: dialettologia, geolingüística, sociolingüística**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v. 5, p. 701–730.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.